

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

O PROCESSO DE TRABALHO DA INDÚSTRIA AVÍCOLA E O ADOECIMENTO FÍSICO E MENTAL DOS AVICULTORES

Danieli Cristina Scalco ¹

Rosane Toebe Zen ²

RESUMO

Este artigo tem como propósito apresentar as características principais da avicultura industrial e entender como as condições de trabalho afetam a saúde dos avicultores, importantes sujeitos do processo de produção avícola. A pesquisa constatou que o processo de trabalho desenvolvido pelos avicultores é permeado por inúmeros fatores de risco à saúde, mas, em função da condição de “parceria” por meio da qual se vinculam à agroindústria, assumem individualmente a responsabilidade pelos danos que sofrem no exercício da atividade.

Palavras-chave: Avicultura; Avicultores; Trabalho; Saúde.

ABSTRACT

This article aims to present the main features of the poultry industry and understand how working conditions affect the health of poultry farmers, important subjects in the poultry production process. The research found that the process of work is permeated by the farmers for various risk factors to health, but depending on the condition of "partnership" by which they are linked to agribusiness, assume personal responsibility for the harm they suffer in the exercise activity.

Keywords: Poultry Industry; Poultry Farmer; Labour; Health.

¹ Acadêmica do curso de Enfermagem da UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

² Docente colaboradora do Centro de Educação, Comunicação e Artes da UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Financiamento: CAPES. E-mail: rosanezen@hotmail.com.

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

INTRODUÇÃO

A contribuição que pode ser atribuída a este trabalho consiste na exploração da avicultura industrial, uma atividade recente, que traz em si, assim como outros setores produtivos, a lógica do capitalismo contemporâneo. No processo produtivo do capitalismo recente, observa-se a tendência de que a força de trabalho empregada torne-se cada vez mais heterogênea e fragmentada (Antunes, 2003). O setor avícola evidencia esta realidade, empregando no processo produtivo força de trabalho de diferentes composições, que vão desde os operários que assumem a função de trabalhadores assalariados na sua acepção clássica (cumpram jornada de trabalho, recebem salários como forma de pagamento, tem o ritmo de trabalho ditado pela esteira); serviço terceirizado na forma tradicionalmente conhecida (contratação de outras empresas que prestam serviços específicos, que por sua vez contratam os trabalhadores que cuidam, por exemplo, da limpeza e da segurança das instalações); e conta ainda com a participação dos avicultores que executam uma parte do processo de produção das aves (crescimento e engorda) em suas pequenas propriedades.

É difícil definir com precisão como os avicultores devam ser conceituados, pois, da mesma forma que detêm os meios produtivos que cabem à etapa do processo pelo qual são responsáveis e de receberem o pagamento de acordo com o volume e qualidade da produção; têm, por outro lado, a atividade fortemente controlada pela indústria, não são proprietários das aves (o contrato os denomina de depositários fiéis do produto) e ainda, não detêm o menor domínio sobre as fórmulas que determinam o pagamento pelo trabalho que exercem (o valor a ser recebido por cada lote é sempre uma surpresa).

A indefinição da classe a que pertencem os avicultores se desdobra em consequências que estão além do caráter conceitual e teórico. A atividade que desempenham envolve fatores que são nocivos à saúde, e mesmo assim, não manifestam intencionalidade de cobrar da agroindústria a erradicação ou a amenização dos fatores de risco, porque na

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

condição de parceria a que são submetidos, eles próprios se sentem responsáveis pelos danos sofridos no processo de produção, exonerando a empresa do impacto que a atividade provoca na sua saúde.

Este trabalho reúne os resultados de duas pesquisas, uma concluída outra ainda em andamento. A primeira refere-se à dissertação de mestrado que recebeu como título “O Processo de Trabalho dos Avicultores Parceiros da Sadia S.A.: Controle, Mediações e Autonomia”, defendida em março de 2009, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIOESTE – Campus de Cascavel. A contribuição extraída desta investigação consiste na fundamentação teórica que possibilita a compreensão da especificidade da produção avícola e da importância do espaço que o setor ocupa no cenário econômico nacional. Desta investigação também são extraídos os dados relativos à pesquisa empírica, que contou com entrevista a 12 (doze) avicultores e respectivas famílias no período de maio a julho de 2008. Embora a dissertação tenha sido desenvolvida num mestrado em educação, os aspectos relacionados à saúde dos sujeitos foram evidenciados, pois o processo de trabalho por eles desenvolvido está tão intimamente ligado ao seu cotidiano, que as informações prestadas acabaram por contemplar também a relação saúde e adoecimento no processo de trabalho.

A segunda pesquisa da qual foram extraídas informações para a produção deste artigo trata-se de uma Monografia de Conclusão de Curso que recebe como título provisório: “O processo de trabalho em aviários com sistema de produção integrada e a saúde dos avicultores”, a ser defendida ainda neste ano de 2010, no curso de Enfermagem da UNIOESTE – Campus de Cascavel. A contribuição deste trabalho ocorreu mediante a apropriação do embasamento teórico envolvendo a conceituação de saúde e doença nas relações de trabalho do capitalismo recente, e os relacionados ao setor avícola, de forma mais específica.

É imprescindível mencionar que ambas as pesquisas estão vinculadas a um projeto maior, que recebe como título o "Processo de trabalho em frigoríficos da região oeste do Paraná: trabalho, educação e saúde", desenvolvido na Universidade Estadual do Oeste do

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Paraná – UNIOESTE. O objetivo geral da pesquisa consistiu em identificar e compreender as implicações das alterações na organização do trabalho no setor frigorífico na região oeste do Paraná, especialmente quanto ao processo de trabalho, educação e saúde dos trabalhadores. Este artigo contempla, parcialmente, os resultados da pesquisa desenvolvida, que contou com o financiamento do CNPq.

A IMPORTÂNCIA ECONÔMICA DO SETOR AVÍCOLA NO CENÁRIO NACIONAL

A produção avícola ocupa nos últimos anos espaço de destaque no cenário econômico nacional. Segundo dados da OCEPAR (2006, p.1), em 2004 o Brasil assume a posição de maior exportador de carne de frango do mundo e em 2008, as exportações do produto geraram uma receita de 6,9 bilhões de dólares, aumento de 40% frente a 2007. Apesar de ser o segundo maior produtor mundial (10,2 milhões de toneladas em 2007, contra 16 milhões de toneladas produzidas pelos Estados Unidos), o Brasil lidera o *ranking* de exportações de frango (3.286 milhões de toneladas exportadas em 2007, contra 2.618 milhões de toneladas exportadas pelos Estados Unidos no mesmo ano). Ao final de 2007 o Brasil chegou a um total de 150 mercados compradores, e uma participação de 40% no comércio internacional de carne de frango. Juntos, Brasil e Estados Unidos abarcaram cerca de 75% do mercado mundial de carne de frango em 2007 (UBA, 2007, p. 26).

A avicultura de porte industrial no Brasil já nasceu na condição de oligopólio, com a preponderância de algumas empresas que, desde sua origem, detêm o controle do setor. Duas empresas lideram a produção avícola brasileira, somando 25% da produção nacional: a Sadia, primeira do *ranking*, é seguida pela Perdigão. A condição de oligopolização da produção avança em 2009, quando os presidentes-executivos e representantes dos acionistas da Sadia e da Perdigão assinaram o contrato de fusão das duas

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

empresas na noite do dia 18 de maio do mencionado ano, criando a Brasil Foods (BRF). “A nova empresa nasce com os apostos de décima maior empresa de alimentos das Américas, segunda maior indústria alimentícia do Brasil (atrás apenas do frigorífico JBS Friboi), maior produtora e exportadora mundial de carnes processadas e terceira maior exportadora brasileira (atrás de Petrobras e da mineradora Vale)” (FOLHAONLINE, 2009, p. 01).

Apesar de o capital atingir desde as últimas décadas do século XX o seu estágio de consolidação monopólico, onde a produção, a circulação e o consumo são, em maior ou menor medida, dependentes do capital financeiro, não significa que os setores produtivos da economia tenham deixado de produzir e acumular capital. O setor produtivo – que aí inclui a produção agropecuária – veio se adequando às novas regras do jogo: buscou ampliar a exploração através da reestruturação produtiva, e, seguindo a tendência de solidificação de grupos hegemônicos, veio concentrando atividades e segmentos nos monopólios.

O Estado atuou, neste processo, como articulador financeiro e gerencial destas mudanças, subsidiando financeiramente, determinando as alterações nas estruturas sociais agrárias, promovendo a capitalização dos processos de trabalho rurais e a mercantilização crescente da agricultura de pequena escala. O Estado tem atuado como agente de uma estratégia deliberada e coerente no sentido de transformar a base produtiva da agricultura via sua integração ao complexo agroindustrial (BILK, 2003, p. 24).

Ainda no que concerne à ação do Estado para fomentar o desenvolvimento industrial, cabe mencionar o incentivo às exportações a partir da década de 1970, através do Decreto-lei 1.189 de 1971 (SCHNEIDER, 1999, p. 68). Enquanto a crise econômica trouxe queda ao consumo interno, os mecanismos de isenção de impostos a exportações permitiram ao setor industrial a ampliação da produção, agora com a possibilidade de atender a demanda de outros mercados consumidores.

O movimento de intensificação e ampliação da industrialização que ocorreu durante os anos 1970 em todos os setores produtivos (automobilístico, têxtil, bens duráveis)

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

alcançou também, neste mesmo período, a agricultura. Este terreno tornou-se extremamente fértil para a avicultura industrial. A política de crédito subsidiado financiou tanto a instalação de frigoríficos e a comercialização para as agroindústrias, quanto a instalação de aviários e equipamentos aos fornecedores de matéria-prima (o produtor integrado), ainda que as vias e condições de acesso aos recursos tenham sido diferenciadas para grandes e pequenos proprietários (RIZZI, 1998, p. 3).

As agroindústrias assumiram, neste contexto, a função de beneficiar e comercializar em grande escala produtos que em geral continuaram sendo produzidos pelos pequenos proprietários rurais. Às agroindústrias, a relação foi desde sempre extremamente benéfica, por poder contar com a quantidade e qualidade de matéria-prima necessária, com amplo poder para determinar o preço a ser pago por elas.

Faz-se necessário destacar também a importância que a abertura comercial representou no sentido de ampliar o mercado do setor avícola. A abertura comercial consiste num conjunto de medidas adotadas pelos governos neoliberais – nos países de capitalismo central, a partir da década de 1970, nos países periféricos a partir de 1980, e no Brasil mais tardiamente, a partir da década de 1990 – que resultaram na quebra de barreiras aduaneiras, objetivando a internacionalização da economia. A abertura comercial beneficiou o setor avícola brasileiro, pois os incentivos fiscais renderam a este setor produtivo importantes mercados no exterior, sobretudo na Ásia, Oriente Médio e Europa.

As exportações de produtos de origem avícola foram multiplicadas a partir da década de 1990. A indústria de aves é um típico exemplo de setor econômico que se desenvolveu fortemente em país periférico e encontrou nichos de mercado na divisão internacional do trabalho, caracterizando o que Schneider (1999, p. 63, citando LIPIETZ, 1988) chama de fordismo periférico. Atualmente, no Brasil, cerca de 70% da produção serve ao mercado interno, e aproximadamente 30% da produção são destinados à exportação (UBA, 2007, p. 4).

Por trás do desempenho econômico do setor, está o que os números oficiais

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

não revelam: as condições de trabalho daqueles que são os responsáveis pelos elevados índices de produtividade e lucratividade. No caso do setor avícola, parte dos responsáveis pela produção é localizada na indústria, e outra parte no campo, onde ocorre uma parte importante do processo de produção do frango. Os laços que unem os avicultores à agroindústria no processo de produção avícola serão sucintamente desenhados na próxima seção.

OS AVICULTORES E A INDÚSTRIA AVÍCOLA

A produção avícola no Brasil ocorre sob a predominância da parceria que se estabelece entre produtores rurais (avicultores) e as agroindústrias. A ideia de parceria consiste no fornecimento, por parte da agroindústria, da ração, assistência técnica e aves de um dia ao produtor rural, que, por sua vez, realiza o trabalho de cria e engorda, devolvendo o animal para a indústria em ponto de abate. Para que o avicultor possa desempenhar essa atividade, ele viabiliza as instalações necessárias: construção de galpões, aquisição de equipamentos e dos demais instrumentos e utensílios de trabalho. Quando a ave encontra-se em ponto de abate, é recolhida da propriedade e, no espaço físico industrial, é transformada em produto de consumo. Portanto, a produção avícola se organiza em duas fases distintas e específicas: uma rural (sob a responsabilidade dos avicultores) e outra urbana – industrial, onde atuam os operários.

Ao capital, tornar o pequeno proprietário seu trabalhador e poder exercer sobre ele a exploração de mais-valia resulta vantajoso. Na avicultura o avicultor não sofre perda de direitos, porque no plano legal os avicultores não são trabalhadores e o princípio do direito trabalhista não está estabelecido (este pode vir a ser constituído, mas ainda não existe). Desta forma, a agroindústria torna-se livre de muitos compromissos que assume legalmente com os operários, tais como: registro formal dos trabalhadores, recolhimento de impostos

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

previdenciários e responsabilização por acidentes de trabalho e adoecimento.

Assim, a parceria acaba funcionando como instrumento de precarização do trabalho, uma vez que, segundo Vasapollo (2005) apud Zen (2009, p. 6), “diante das regras de eficiência das empresas, [...] o trabalhador é abandonado frente a um empresário com o qual ele tem de negociar seu salário e o tempo que ele vai dedicar ao trabalho”, resultando em mais um espaço para o vasto controle do capital sobre o processo de trabalho.

Essas parcerias atuam como “[...] estratégias ideológicas e operativas para a ampliação das formas de exploração da força de trabalho [...] e que ganham a aparência de diminuição de conflitos entre as classes fundamentais do capitalismo” (CÊA; ZEN, 2008, p. 12). Portanto, as parcerias assemelham-se aos instrumentos do exercício de poder realizado pela classe capitalista sobre os trabalhadores.

A disponibilização da propriedade do avicultor é evidente, um bem particular que passa a ser frequentado pela empresa sem necessitar de aviso prévio. O detentor do meio de produção é também o vendedor da sua força de trabalho. Essa característica é apontada no estudo de Zen (2009), evidenciando que os avicultores

[...] são, ao mesmo tempo, trabalhadores e pequenos proprietários. São trabalhadores porque realizam serviço terceirizado para a agroindústria, mas ser pequeno proprietário é condição imposta pela agroindústria para que possam se integrar. As duas condições são indivisíveis, (ZEN, 2009, p. 40-41).

A relação avicultor x agroindústria se configure nesta estreita relação que, por um lado, coloca o avicultor como sujeito autônomo no processo de produção, de outro, o submete de forma ainda mais intensa ao processo de trabalho. Observa-se que na atividade avícola o avicultor não goza de privilégios se comparado ao trabalho assalariado na acepção clássica. O trabalho é aqui compreendido como o processo do qual participam homem e natureza, processo em que o ser humano, com sua ação, impulsiona, controla e regula sua relação com a natureza. Para isto, se utiliza das forças naturais do seu corpo, cabeça e mãos, braços e pernas, com o objetivo de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

forma útil e vida humana. Nessa atuação o homem modifica a natureza, ao mesmo tempo em que modifica a si próprio (MARX, 1988).

De acordo com Marx, apud Cattani e Holzmann, esse processo de trabalho

[...] é a atividade humana de interação com a natureza, para a obtenção de valores de uso³ capazes de atender a necessidades. São componentes do processo de trabalho: a) o trabalho mesmo, entendido como a mobilização de capacidades e competências físicas e intelectuais humanas, tendo em vista objetivos preestabelecidos; b) os meios de trabalho, constituídos pelos instrumentos, ferramentas e equipamentos de que se vale o executante do trabalho para realizar a atividade pretendida; e c) o objeto de trabalho, matéria sobre a qual o executante do trabalho exerce sua ação, utilizando os meios de trabalho (MARX, 1972, apud CATTANI e HOLZMANN 2006, p. 209).

Os mesmos autores destacam ainda que, nessa abordagem

[...] o processo de trabalho é um conceito geral e abstrato, destituído das especificidades que o caracterizam em cada contexto espaço-temporal. Contextualizá-lo historicamente é considerá-lo como um processo social, expressão de relações que os produtores estabelecem entre si ao atuarem sobre a natureza para obter seus meios de vida. Assim, o processo de trabalho é expressão de processos sociais e políticos, articulados a um padrão tecnológico, cuja modelagem é variável e vincula-se às transformações que ocorrem nos componentes do próprio processo. Isso quer dizer que mudanças introduzidas em cada um desses componentes influenciam-se mutuamente e incidem na formatação do todo (CATTANI; HOLZMANN, 2006, p. 209-210).

No sistema capitalista, o processo de trabalho envolve dimensões concretas, como a subordinação do conjunto de trabalhadores ao capital, por meio das formas da organização do trabalho, e através dos meios e técnicas de trabalho em dimensões cada vez mais complexas (CATTANI; HOLZMANN, 2006). Entende-se que tal complexidade aplica-se também ao avicultor, que se subordina em condições contratuais determinadas, vendendo às agroindústrias não só a sua força de trabalho e a força produtiva, mas também a força vital, que é cedida ao capital na forma do comprometimento da sua saúde física e psíquica.

³ “Um valor de uso pode ser considerado matéria-prima, meio de trabalho ou produto, dependendo inteiramente da sua função no processo de trabalho, da posição que nele ocupa, variando com essa posição a natureza do valor de uso” (MARX, 1988, p. 207).

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

No caso dos avicultores, verifica-se que a forma de pagamento não consiste em salário, mas por produção – por lote. Um lote de frango corresponde ao período que transcorre desde a entrega das aves na propriedade dos avicultores até a devolução das mesmas a indústria, período que varia de 30 a 50 dias, dependendo do tamanho que a ave deve atingir. Na propriedade dos avicultores, os animais são alojados e alimentados. Quando as aves se encontram em fase de abate, são recolhidas e encerra-se a produção daquele lote. Na indústria, as aves são pesadas e abatidas. Na pesagem produz-se um fator que determina a renda dos avicultores (quantidade de frango produzido), mas este não é único a ser observado na formulação do valor a ser pago. Outros fatores ligados à qualidade das aves também são contabilizados, mediante a verificação de ausência de calosidade nos pés e no peito, de deformidades ou de qualquer tipo de alteração que possa comprometer a qualidade da carne.

Embora não sejam assalariados, a situação que vincula os avicultores à indústria avícola é muito precária. Para atingir as metas produtivas os avicultores precisam estar submetidos constantemente ao ambiente de trabalho, pois qualquer mudança repentina de temperatura ou ausência do funcionamento de qualquer equipamento (bebedouro, comedouro, etc.) pode comprometer o desenvolvimento das aves e, conseqüentemente, prejudicar desempenho financeiro daquele lote. A fala de um avicultor entrevistado é esclarecedora no que refere à condição que determina sua renda: “quando muita gente trabalha 8 horas e recebe salário, nós trabalhamos 24 horas por dia no aviário. Enquanto tem frango a gente não pode sair de perto. Pode acontecer alguma coisa e o teu trabalho de 45 dias você perde em poucas horas”. Esta condição de cuidado ininterrupto provoca estresse, pois o avicultor não pode se desligar do espaço produtivo nem durante os finais de semana ou à noite, compromete sua vida afetiva e limita a possibilidade de manter ou ampliar os seus vínculos de amizade, pois a visita a parentes e amigos acaba sendo limitada pela rotina imposta pela produção.

O caso dos avicultores revela que apesar de o trabalho ser uma atividade vital para o ser humano, o trabalhador, dentro do processo de trabalho em que está inserido,

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

encontra diferentes cargas que ao interagirem com o seu corpo geram um processo de desgaste, entendido como “a perda de capacidade potencial e/ou efetiva corporal e psíquica” (LAURELL; NORIEGA, 1989, p. 110).

SAÚDE E DOENÇA DOS AVICULTORES

As repercussões do processo de trabalho sobre a saúde do trabalhador são derivadas tanto das condições de trabalho como da organização do trabalho,

por condição de trabalho, é preciso entender, antes de tudo, ambiente físico (temperatura, pressão, barulho, vibração, irradiação, altitude, etc.), ambiente químico (produtos manipulados, vapores e gases tóxicos, poeiras, fumaças, etc.), o ambiente biológico (vírus, bactérias, parasitas, fungos), as condições de higiene, de segurança e as características antropométricas do posto de trabalho. Por organização do trabalho designamos a divisão do trabalho, o conteúdo da tarefa [...], o sistema hierárquico, as modalidades de comando, as relações de poder, as questões de responsabilidade, etc.. (DEJOURS, 1992, p. 25).

As pressões ligadas às condições de trabalho têm como alvo principal o corpo dos trabalhadores, podendo ocasionar desgaste, envelhecimento e doenças. A organização do trabalho, por outro lado, atua a nível psíquico, incitando o interesse do trabalho para o sujeito, solicitando as relações entre as pessoas e mobilizando sentimentos, como amor, ódio, amizade, solidariedade, confiança (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1994).

Além disso, é possível acrescentar que,

a apropriação do conceito 'processo de trabalho' como instrumento de análise possibilita reformular as concepções ainda hegemônicas que ao, estabelecerem articulações simplificadas entre causa e efeito, numa perspectiva uni ou multicausal, desconsideram a dimensão social e histórica do trabalho e da saúde/doença. Tais concepções, mesmo quando incluem variáveis socioeconômicas, na tentativa de

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

aprimorar a compreensão das razões do adoecimento, revestem-se de um caráter reducionista, na medida em que o social é um elemento a mais, dentre os fatores de risco (MINAYO-GOMEZ; THEDIM-COSTA, 1997, p. 27).

Desse modo, se torna necessário considerar a visão ampla do processo saúde/doença, considerando seus múltiplos determinantes, incluindo neles o trabalho, por ser a característica forma de produzir e reproduzir a sociedade.

O conceito de saúde não implica somente a ausência de afecção ou doença, mas também, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), um estado de completo bem-estar físico, mental e social. No Brasil, a lei 8.080 de 19 de setembro 1990 ampliou significativamente o conceito de saúde incluindo em seu artigo 3º que “a saúde tem como fatores determinantes e condicionantes [...] a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais [...]”.

Nesse sentido, a saúde é resultado da inter-relação de vários determinantes. Essa multideterminação denota a noção de complexidade que pode haver quando se trata de analisar os eventos relacionados à saúde dos indivíduos. Saúde e doença são fenômenos dinâmicos e não podem ser pensados separadamente, pois são resultantes da combinação de múltiplos fatores que determinam, em diferentes graus, as condições de saúde dos organismos.

A saúde é produto da relação entre fatores biológicos, psicológicos, sociais e aspectos do ambiente onde os indivíduos vivem e trabalham. A representação de saúde/doença manifesta de forma específica as concepções de uma sociedade como um todo. “Cada sociedade tem um discurso sobre saúde/doença [...], que corresponde à coerência ou às contradições de sua visão de mundo e de sua organização social” (MINAYO, 1996, p. 176). Por isso, se a relação saúde/doença revela a realidade social na qual é construída, para uma melhor compreensão dessa representação dentro do nosso contexto é necessário analisá-la a partir dos âmbitos econômico, político e cultural.

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Examinando por essa perspectiva, Minayo (1996, p. 179) nos coloca que, na sociedade capitalista, onde as relações sociais se fazem a partir de diferenciação de classes, da desigualdade na distribuição e atribuição de riquezas, a concepção de saúde/doença está marcada por essas contradições. Contradições marcam as representações da classe dominante que informam as concepções mais abrangentes da sociedade como um todo e são veiculadas de forma especializada através da corporação médica. Refletem-se também nas representações das classes trabalhadoras que se subordinam à visão dominante, e a reinterpretam de forma peculiar, de acordo com suas condições de existência e seus interesses específicos.

A lógica mais global do sistema corresponde à forma de dominação centrada sobre a concepção médica da saúde/doença. Primeiramente ela se atém ao biológico e individual do doente, explicando o fenômeno saúde/doença como o bom funcionamento dos órgãos e culpabilizando o indivíduo. Separando, dessa forma, o sujeito do seu meio e de sua condição enquanto classe trabalhadora. Em segundo lugar, transforma o conceito de doença numa especialidade a respeito de determinado órgão. Em terceiro, a prática médica volta-se principalmente para resultados apresentados por exames laboratoriais, renunciando ao corpo e seus sintomas (MINAYO, 1996). Diante destas colocações, compreende-se uma tendência cada vez maior das especialidades médicas em fragmentar e focalizar o seu raio de atuação. O resultado mais evidente, para o trabalhador que adoece, é a impossibilidade de se estabelecer o nexo causal da doença, cuja origem acaba sendo desvinculada do exercício laboral.

Ainda segundo Minayo (1996, p.182), a visão mais ampliada de saúde para os grupos dominantes é mediada pela noção de “modo de vida moderno”, desconsiderando os indivíduos como sujeitos sociais através das formas de organização da sociedade. Essa noção de “modo de vida moderno” é resumida pela autora da seguinte forma: ambiente poluído, vida agitada, miséria, violência, marginalidade, ritmo de vida cansativo e vida social conflitiva. É uma representação que escamoteia o conceito das relações sociais características do modo de produção capitalista, que se traduzem em objetivação da vida no lucro, contradição entre os que produzem as riquezas e os que delas se apropriam, entre a harmonia com a natureza e seu

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

uso predatório com finalidade econômica imediatista.

Em relação à classe que vive do trabalho, a definição social de saúde/doença, veiculado pela visão de mundo dominante é a incapacidade para trabalhar. Essa relação está estreitamente associada com a criação de mais-valia e a possibilidade de acumulação de capital. Dessa forma, o corpo se tornou, para a maioria, o único gerador de bens. Trata-se de uma equivalência social e não natural. “O assalariamento enquanto cerne do modo de produção capitalista faz do corpo força de trabalho, criador de excedentes para as classes que detêm os meios de produção e única condição para a vida dos trabalhadores e sua família”. (MINAYO, 1996, p. 186)

Quando se trata de analisar as relações entre o trabalho e o processo saúde/doença, a questão se torna mais ampla e ainda mais complexa. Pois, além de os trabalhadores compartilharem os perfis de adoecimento e morte da população em geral, em função da sua idade, gênero, grupo social ou inserção em grupo específico de risco, eles podem adoecer ou morrer por causas relacionadas ao trabalho, “como consequência da profissão que exercem ou exerceram, ou pelas condições adversas em que seu trabalho é ou foi realizado. Assim, o perfil de adoecimento e morte dos trabalhadores resultará da amalgamação desses fatores” (BRASIL, 2001, p. 27).

A partir do entendimento de que o trabalho é elemento central na compreensão do processo saúde-doença, não apenas porque gera riscos à saúde, mas principalmente porque, “como categoria social, é que estrutura a organização da sociedade, o processo de trabalho pode, então, provocar, desencadear ou agravar uma doença [...]” (KRUG, 2006, p. 29).

A partir da década de 1990 os sistemas produtivos na Brasil têm se incorporado à lógica da reestruturação produtiva. A partir de então, são introduzidas mudanças na produção, tecnologia e organização do trabalho, o que tem alterado significativamente a vida e as relações das pessoas, que conseqüentemente também passaram a adoecer mais. Segundo Ferreira Júnior (2000) apud Krug (2006, p. 30-31), o processo de

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

reestruturação produtiva modificou o perfil do trabalho e dos trabalhadores, os determinantes da saúde-doença dos trabalhadores, o quadro de morbimortalidade relacionada ao trabalho e à organização e às práticas de saúde relacionadas ao trabalho. A adoção de alta tecnologia gerou a diminuição dos postos de trabalho e o aumento das exigências e de qualificações requeridas dos trabalhadores, reforçando a exclusão dos menos qualificados, muito jovens e mais idosos, menos escolarizados e/ou portadores de algum tipo de desvantagem biopsíquica ou social. Cresceram, assim, também os índices do trabalho no setor informal e a terceirização dos serviços, contribuindo para a precarização do trabalho.

A respeito disso, Dejours (2003) apud Krug (2006, p. 31) afirma que, na precarização do trabalho o primeiro efeito é a intensificação do trabalho e o aumento do sofrimento subjetivo; o segundo efeito é a neutralização da mobilização coletiva contra o sofrimento, contra a dominação e contra a alienação; a terceira consequência é a estratégia defensiva do silêncio, da cegueira e da surdez – negar o sofrimento alheio é negar o seu; o quarto efeito é o individualismo.

Vejamos como tais efeitos são sentidos pelos avicultores no exercício da avicultura. A intensificação do trabalho é fator nitidamente observado nas entrevistas, pois os sujeitos afirmam que desde os anos 1990 acontece de forma mais intensa a cobrança por maior produtividade. De forma mais específica, esta cobrança se materializou por meio da melhora do fator “conversão alimentar”. A conversão alimentar consiste na capacidade de *converter* x quilogramas de ração em y quilogramas de ave. Nos anos de 1990, os avicultores poderiam realizar a conversão de até 2,3 quilogramas de ração em 1 quilograma de ave. Atualmente, os melhores resultados tem dado conta de produzir 1 quilograma de ave com 1,3 quilogramas de ração. A intensificação da cobrança por este resultado tem uma motivação econômica: a ração representa, para a indústria, 70% do custo de produção. Isso significa que, quanto menos ração e mais carne, maiores os lucros. E esta cobrança é incidida diretamente sobre os avicultores, pois os que não conseguirem boas conversões alimentares (ou seja, utilizarem muita ração para criar o frango) são punidos com descontos no pagamento. Para

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

melhorar a conversão alimentar, a ave é induzida a *condições ideais de ambiente*, o que significa temperatura ideal, alimentação ideal e ausência de qualquer tipo de doença. Para isso, o avicultor precisa monitorar a temperatura do aviário durante as 24 horas do dia, o que significa, inclusive, que o avicultor deva levantar-se da cama várias vezes durante a noite para verificar o sistema de aquecimento dos aviários. A manutenção das condições ideais para o crescimento e engorda dos frangos também requer maiores investimentos em tecnologia, o que, para os avicultores representa menor renda, já que os gastos com equipamentos correm por sua conta. A reestruturação produtiva reprecitou, para os avicultores, menor renda, tanto por ter aumentado os gastos em investimentos, tanto porque a indústria passa a descontar do pagamento quando as metas estipuladas não são atingidas. Para a saúde do avicultor a intensificação do trabalho tem gerado efeitos físicos (porque trabalham mais) e psicológicos (por estarem submetidos a uma condição de constante cobrança e tensão).

O trabalho se desenvolve dentro das condições do ambiente físico, ruídos, vibrações, temperatura, pressão; do ambiente químico, produtos, vapores, gases tóxicos; do ambiente biológico, vírus, bactérias, fungos; das condições de higiene, de segurança e das características antropométricas do posto de trabalho. E dentro da organização do trabalho que determina a divisão do trabalho, o conteúdo da tarefa, o trabalho repetitivo, o sistema hierárquico, as modalidades de comando, as relações de poder, a responsabilidade, entre outros. Nesse contexto, permeado de agressões à saúde física, mental e social, o indivíduo realiza seu trabalho, com seus ideais, esperanças e capacidades quase sempre desconsideradas pela organização do trabalho.

No exercício da atividade avícola é possível identificar os danos provocados à saúde nos aspectos físico e mental. Fisicamente sofrem o desgaste decorrente do exercício da atividade, o cansaço gerado pela atenção ininterrupta, a atuação em ambiente insalubre, o choque térmico provocado pela diferença da temperatura interna e externa aos aviários, o que é sentido principalmente nas noites de inverno, conforme o seguinte depoimento: “Que nem agora, né, a temperatura cai a 10 graus ou menos. No inverno é menos, quase zero grau. E 32

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

[graus] lá dentro [do aviário]. Não tem corpo que aguento. E se [o lote] não for bem cuidado, a gente sabe, não tem retorno”. A percepção dos danos mentais não é tão evidente, mas também pode ser observado, sobretudo pelo constante assédio moral a que estão submetidos na cobrança por melhores resultados. Esta cobrança afeta tanto o desempenho econômico dos avicultores como também o relacionamento que estabelecem entre si, pois a lógica que a empresa impõe a eles os torna competidores diretos. Na indústria pesquisada, os avicultores são classificados de acordo com os índices de produtividade alcançados: *cola*, *médio* e *cabeça*. Fazem parte da classificação *cola* os 25% produtores menos produtivos, da classificação *média* os 50% que apresentam produtividade intermediária e *cabeça* os 25% mais produtivos. Isso significa que, por mais que o avicultor produza, terá sempre sua produtividade comparada com a dos demais, e se, na comparação, sua produtividade for menor, estará relegado a pertencer às últimas colocações da classificação. Esta estratégia da empresa revela a intencionalidade de estimular a competitividade e a individualização dos avicultores, processo no qual eles sempre saem perdendo, na mesma proporção em que a indústria ganha mais e mais.

O sentimento de responsabilidade pelos resultados produtivos é, em essência, uma noção que orienta o trabalho dos avicultores. O fato dos avicultores terem sido agricultores antes da avicultura, explica em parte a responsabilização pessoal pelos resultados produtivos, pois no exercício de uma atividade autônoma (como é o caso da agricultura) as decisões recaem sobre o pequeno proprietário. Quando ingressam na avicultura, apesar da autonomia estar cerceada pelos controles da empresa, a noção de auto-responsabilidade ainda os acompanha.

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A qualidade do trabalho, sendo uma atividade humana, criativa, consciente, intencional e orientada para um fim, criando novos objetos e relações entre os homens, tende a ser negada à grande maioria quando o trabalho assume a forma explorada e alienada (LAURELL; NORIEGA, 1989). De acordo com os mesmos autores, essa constante negação da capacidade criativa do trabalho, então, explicaria porque a atividade especificamente humana torna-se destrutiva e não potencializadora das capacidades humanas dos trabalhadores. O processo de trabalho converte-se num terreno de contradição quando os sujeitos envolvidos desenvolvem uma resistência contra sua própria desumanização.

A empresa avícola não fornece assistência de saúde ou previdenciária aos avicultores. Também não há nenhuma determinação legal que lhes assegure proteção ou prevenção do ambiente insalubre. Sequer os avicultores tem a clareza de que indústria tem responsabilidade nos danos que a atividade avícola acarreta à sua saúde, pois a relação de “parceria” produz aos avicultores a noção de que a responsabilidade pelo zelo à saúde física e mental e ao tratamento em caso de adoecimento é de sua inteira responsabilidade.

Recentemente a Assessoria de Comunicação do Ministério Público de Santa Catarina tornou pública a notícia de que uma das mais importantes indústrias do setor avícola, a Sadia S.A., é ré na Ação Civil Pública que postula o reconhecimento do vínculo de emprego entre a empresa e todos os produtores “integrados” de aves:

Para o procurador do Trabalho Sandro Eduardo Sardá, "não resta dúvida quanto a existência de vínculo de emprego entre a Sadia e os produtores de aves". Segundo ele, todos os requisitos legais previstos no artigo 3º da CLT estão presentes, como a personalidade, a onerosidade e a subordinação. “Além disso, não podemos esquecer que há um profundo desequilíbrio contratual na relação entre as agroindústrias e os produtores integrados. A empresa sequer paga aos produtores rurais os custos de produção e, portanto, os integrados estão submetidos a grave exploração e ao trabalho degradante”, enfatiza (MINISTÉRIO PÚBLICO DE SC, 2010, p.01).

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Os desdobramentos desta Ação podem resultar no reconhecimento legal do vínculo empregatício dos avicultores. Longe de por fim ao calvário na qual se traduz a atividade destes sujeitos, o reconhecimento da relação trabalhista pode representar um avanço frente às condições atualmente enfrentadas, pois, como o próprio Ministério Público de Santa Catarina (2010, p.1) reconhece, “estes produtores ‘integrados’ ficam expostos ao acometimento de doenças respiratórias, distúrbios osteomusculares, problemas na coluna, entre outros”, danos que passam alheios à esfera da responsabilidade da agroindústria.

Uma vez estabelecido o vínculo empregatício, estima-se que esta solução abrirá as portas para inúmeras outras ações no sentido do reconhecimento de que a precariedade do trabalho dos avicultores está intimamente ligada à ganância das agroindústrias, que não concebem como um problema se a preservação da saúde das aves se mantém a custa do comprometimento da saúde dos trabalhadores que atuam no setor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do trabalho**. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2003.

BILK, Max. **Elos da “Integração” Avícola**: Estudo de Caso nos Municípios de Angelina e Anitápolis-SC. Dissertação de Mestrado. Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2003.

BRASIL. **Lei nº 8.080**, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Publicado no Diário Oficial da União de 20/09/1990. Brasília, 19 de setembro de 1990.

BRASIL. Ministério da Saúde do Brasil. Organização Pan-Americana da Saúde no Brasil. **Doenças relacionadas ao trabalho**: manual de procedimentos para os serviços de saúde.

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Brasília: Ministério da Saúde do Brasil, 2001.

BOITO, Armando. **Política Neoliberal e Sindicalismo no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1999.

CATTANI, Antonio David; HOLZMANN, Lorena. **Dicionário de trabalho e tecnologia**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

CÊA, G. S. S.; ZEN, R.T. A parceria nas relações de trabalho: problemas e contradições. In: VI Seminário do Trabalho, 2008, Marília - SP. **Anais do VI Seminário do Trabalho - Trabalho, economia e educação no século XXI**, 2008.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. 5 ed. São Paulo: Cortez – Oboré, 1992.

DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, Elisabeth; JAYET, Christian. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

FOLHA ON LINE. **Perdigão e Sadia assinam acordo de fusão**. Notícia veiculada em 19/05/2009. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u568000.shtml>. Acessado em 01/06/2009.

KRUG, Suzane Beatriz Frantz. **Sufrimento no trabalho: a construção social do adoecimento de trabalhadoras da saúde**. Porto Alegre, 2006. Tese (Doutorado em Serviço Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006.

LAURELL, Asa Cristina; NORIEGA, Mariano. Para o estudo da saúde na sua relação com o processo de produção. In: _____. **Processo de produção e saúde: trabalho e desgaste operário**. São Paulo: Hucitec, 1989. cap. 3, p. 99-144.

MARX, Karl. Processo de trabalho e processo de produzir mais-valia. In: _____. **O capital**. Crítica da economia política. Livro primeiro. O processo de produção do capital. 11 ed. v. 1. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988. Cap. 5, p. 201-223.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1996.

MINAYO-GOMEZ, Carlos; THEDIM-COSTA, Sonia Maria da Fonseca. A construção do campo da saúde do trabalhador: percurso e dilemas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

13, supl. 2, p. 21-32, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1997000600003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 ago. 2009.

MINISTÉRIO PÚBLICO DE SANTA CATARINA. **Ministério Público do Trabalho em Chapecó processa empresa Sadia S.A para que reconheça direitos dos produtores "integrados" de aves.** Notícia veiculada em 10/09/2010. (A Ação Civil Pública, de número 0003256-17.2010.5.12.0009, tramita na 1ª Vara do Trabalho de Chapecó).

OCEPAR. Sindicato e Organização das Cooperativas do Estado do Paraná. **Notícias.** Disponível em: <<<http://www.ocepar.org.br/ocepar/index.html>>>. Acesso em 19/01/2006.

RIZZI, Aldair Tarcísio. **Mudanças tecnológicas e reestruturação da indústria de frangos no Brasil.** Curitiba. CMDE/UFPR, 1998. Disponível em: <<<http://www.economia.ufpr.br/publica/textos/1998/txt0898%20Aldair.doc>>>. Acesso em 21/10/2007.

SCALCO, Danieli Cristina. **O processo de trabalho em aviários com sistema de produção integrada e a saúde dos avicultores.** Trabalho de Conclusão de Curso de Enfermagem da UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Cascavel (2010).

SCHNEIDER, Sergio. **Agricultura familiar e industrialização: Pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

UBA – União Brasileira de Avicultura. **Relatório Anual 2006/2007,** 2007. Disponível em: <<http://www.uba.org.br/ubanews_files/relatorio_uba_06_07_baixa_1.pdf>>. Acesso em 12/05/2008.

ZEN, Rosane Toebe. **O processo de trabalho dos avicultores parceiros da Sadia S.A.: controles, mediações e autonomia.** Cascavel, 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2009.